

OS DESAFIOS DA AULA DE HISTÓRIA E A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO COMO ELO PARA PROPICIAR UM MAIOR ENGAJAMENTO DOS ALUNOS.

Roberta de Sousa Silva¹
Ligia Teotônio da Costa²
Juliana Monteiro Gabriel³
Maria Arleilma Ferreira de Sousa⁴

RESUMO

O artigo visa analisar os desafios vivenciados na realidade escolar, que ocorrem dentro e fora da sala de aula, que foi propiciado através do convívio com os alunos e os demais membros da escola Maurílio Pontes⁵ na cidade de Crato-CE, em que são notáveis os grandes percalços que estão vinculados à profissão docente mediante as aulas com a disciplina de História. Mas que apesar disso, é relevante desempenhar mecanismos que instigue a participação dos estudantes e expor os valores que o ensino de história pode propiciar na vida de cada um deles, sendo fundamental para desenvolver um maior engajamento dos alunos e evitar a dispersão desses. Além disso, é preciso de um investimento adequado para isso ocorrer, no caso, com uma infraestrutura e matérias que torne a aula mais dinâmica, em que justamente corresponde a um dos problemas que ocorrem na escola por não disponibilizarem tais recursos fundamentais ao processo de aprendizagem.

Palavras-chaves: Ensino de História, Desafios, Reconhecimento.

INTRODUÇÃO.

O presente artigo vai analisar os principais desafios que ocorrem na sala de aula no cotidiano das aulas de história e o rendimento dos alunos conforme são estimulados, além dos desempenhos que alcançam, pois é de suma importância conhecer sobre esses casos que foram vivenciados no decorrer das aulas, conforme as experiências na escola, que através da regência com o programa da Residência Pedagógica com as turmas de ensino fundamental propiciou para analisar situações que ocorrem dentro do universo escolar, como a escrita apresentada pelos alunos, que não é adequada para obterem um bom rendimento nas aulas,

¹ Graduanda pelo Curso de História da Universidade Regional do Cariri - URCA, autorprincipal. robertasousa332@gmail.com

² Graduanda pelo curso de História da Universidade Regional do Cariri - URCA. Bolsista do programa Residência Pedagógica CAPES. Ligateotonioc@gmail.com

³ Graduanda pelo curso de História da Universidade Regional do Cariri - URCA. Bolsista do programa Residência Pedagógica CAPES. Jumonteiro1221@gmail.com

⁴ Mestre em História na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG; Professora do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri - URCA. arleilmasousa@hotmail.com.

⁵ Nome fictício dado a Instituição escolar.

pois alguns são silábicos e não escrevem corretamente e muito menos sabem o que escrevem o que dificulta para a interpretação dos estudantes e do assunto estudado, como foi o caso dos educandos do 7º ano, além de alguns casos no 8º e 9º ano, que foram as três turmas na experiência com a regência, por um período de cinco meses, entre Março e Agosto de 2019, na Escola Maurílio Pontes, na cidade do Crato, CE.

Nessa perspectiva, é comum no universo escolar as divergências ocorrerem entre os professores e alunos, em que ambos apontam críticas entre si. Os professores alegam que os alunos não participam e que alguns estão distantes da realidade escolar e que só estão na escola por diversão e ser “uma válvula de escape”; “conversam bastante e querem constantemente sair da aula para ir ao banheiro ou tomar água”; “não gostam de ler”; “não sabem interpretar”. Já os alunos reclamam das cobranças dos professores, da estrutura da sala de aula e do calor e da falta de luminosidade correta; do mapa de sala e do local onde ficam que é desproporcional a necessidade que possuem, pois alguns precisam sentar na frente devido possuírem problemas de visão.

Por outro lado, durante as aulas foi possível ver trocas de elogios entre os alunos e professores, e isso é maravilhoso presenciar, porque quando há um bom convívio de aluno e educador a aula flui e não fica exaustiva. Essa afetividade é importante para a relação professor\aluno:

Pode-se supor, também, que a afetividade se constrói como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os diversos objetos do conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas. (LEITE e TASSONI, 2000, p. 9-10).⁶

Além de serem analisadas as cobranças desleais que ocorrem no universo escolar, com os alunos de perspectivas de vidas e realidades sociais diferentes que inviabilizam rendimentos esperados pela escola e que ao invés disso deviam cobrar mediante os direitos e deveres de ambos sendo assegurados, pois se a educação é direito de todos deve haver meios que a propicie.

As desconexões do ensino com a realidade dos alunos.

⁶ Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>

Acesso em: 02.07.19

No convívio semanal com os educandos é cabível observar, como é o caso dos acompanhamentos na prática de regência com as turmas do 7º ao 9º ano, que há um desinteresse quando o conteúdo é ligado somente ao livro e não há nenhuma vinculação com a comunidade a qual os estudantes estão submetidos, e isso afeta diretamente para ocorrer uma indiferença com a aula.

Essa realidade é um dos problemas apontados por Ivo Mattozzi, que através de suas experiências com o ensino de história e em relação à aprendizagem e o envolvimento dos estudantes com o ensino, enfatiza o seguinte: “Os processos de ensino e de aprendizagem que incluem bens culturais são relativos ao território e o devem incluir na atividade formativa. Esses produzem conhecimentos históricos com escala local e dão aos alunos a possibilidade de melhor compreender o cenário da sua vida”. (MATOZZI, 2008, P.137).

De tal modo é importante que o professor busque ensinar sobre o livro didático, mas não fique preso somente a ele, sendo fundamental que utilize outros recursos, como correlacionar as informações com a cidade onde os alunos habitam e proporcionar atividades interativas que desperte neles a curiosidade de conhecer sobre o lugar onde vivem e conseqüentemente a aula fará todo sentido na vida de ambos, com esse elo de pertencimento ao assunto debatido na sala de aula, no caso fazendo visitas aos museus e buscando outros locais da referida cidade que possibilite meios de pertencimento aos grupos minoritários da região.

Isso proporciona um conhecimento da história local e do conhecimento histórico, visto que é comum nas escolas do país o aluno estudar mais sobre os povos e habitantes da Europa do que sua própria região, o que tende a desenvolver um desinteresse por parte dos alunos em prol da aula. Relacionando a isso Gadotti (2003) afirma o seguinte:

Todo ser vivo aprende na interação com o seu contexto: aprendizagem é relação com o contexto. Quem dá significado ao que aprendemos é o contexto. Por isso, para o educador ensinar com qualidade, ele precisa dominar, além do texto, o com-texto, além de um conteúdo, o significado do conteúdo que é dado pelo contexto social, político, econômico. (Gadotti, 2003. p. 48)

Assim sendo, evidencia que é um desafio ser professor, dado que na atualidade com os avanços tecnológicos é preciso incluir o mesmo na aplicação do conteúdo em razão do contexto atual, que cobra esses recursos dos educadores e que esteja atento não só aos casos específicos nas aulas, mas se dedique para tornar a aula o mais interativa possível, algo que exige esforço e dedicação ao máximo dos educadores, que implique não apenas autoridade, mas conhecimento, afetividade, ligar o conteúdo com o contexto e ter uma formação

adequada para isso, que prepare suficientemente para tal realidade, em que isso corresponde justamente a uma das carências apontadas por boa parte dos professores.

Além da importância da identidade que o professor deve estimular a desenvolver no aluno: “A identidade é um processo de construção histórica reajustada ao longo das diferentes etapas da vida e de acordo com o contexto no qual a pessoa atua uma construção que exige constantes negociações entre tempos diversos do sujeito e ambientes ou sistemas nos quais ele está inserido”. (VIANNA 1999. p.52). É necessário que o professor ensine de forma a desenvolver o conhecimento crítico dos alunos.

Desse modo, os professores ainda são os principais autores na sala de aula com a função de instigar os alunos a participarem das discussões propostas, principalmente fazendo pautas do conteúdo com a realidade dos educandos, pois caso o professor fuja dessas escolhas terá a realidade desgastante de enfrentar o desinteresse dos alunos, que é uma das consequências óbvias de ocorrer, visto que os indivíduos presentes na aula não se veem representados pelo conteúdo e a aula acaba não fazendo sentido.

Parafraseando a isso, um dos alunos, que notavelmente não tinha o mesmo envolvimento que os outros possuíam, e encontrando tal aluno fora da escola e quando ele veio cumprimentar foi viável interrogar “*por que você não possui uma participação efetiva nas aulas?*” e ele respondeu o seguinte: _ “*Eu odeio história, porque eu vou querer saber de pessoas que não existem mais? Eu não suporto história, mas procuro me adaptar*”.

Por conseguinte e na experiência da regência com esse aluno não é fácil ouvir algo semelhante e ainda tendo como profissão a docência em história, mas saber que tem uma luz no fim do túnel quando ele diz que procura “se adaptar”, e principalmente com a maioria da sala gostando das aulas e participando, então isso poderia despertar para não dar a mínima importância para um caso na sala, que confessou a realidade de muitos alunos, mas buscar posteriormente nas explicações enfatizar a importância da disciplina e incluir o aluno na aula para ele não sentir excluído, pois um dos caminhos é explicar a importância da história e o papel relevante que a mesma tem na vida dos demais cidadãos em paralelo com a realidade deles. Como afirma Régis Lopes “Afinal, o conhecimento histórico se faz no presente e pelo presente que interpela o passado”. (LOPES, 2008, p. 181)

Concomitantemente nas aulas posteriores o desafio foi buscar estar sempre chamando atenção da turma para compreenderem o assunto, e o aluno que tinha dito odiar história passou a ter mais atenção aos conteúdos por meio dos debates e dinâmicas voltados ao conhecimento de ambos, e nos resultados seguintes que eles foram avaliados sobre o conteúdo

do livro didático, o aluno tinha acertado duas questões das dez na primeira avaliação da disciplina no início do ano e nessa prova acertou oito das dez, um resultado surpreendente, pois ele costumava obter as menores notas da turma e ficou muito empolgado quando soube de sua nota e inclusive disse *“professora eu tirei uma nota dessa e nem precisei pescar”*.

Entretanto conhecer sobre a realidade dos alunos para após isso relacionar com o assunto do livro e pensar numa maneira de envolvê-los é um enorme desafio, sendo que numa grande turma, isso é ainda mais desafiador para ocorrer com qualidade, pois são alunos de uma mesma faixa etária, mas com realidades distintas e assim ter que incluir a todos é mais uma barreira a fazer parte da luta dos educadores em busca de um bom ensino e para que eles não tenham em mente que a aula de história não é só “o estudo dos mortos”.

Por outro lado, os professores não são os únicos que devem desencadear meios para propiciar uma boa aula, há situações e problemas que muitos alunos enfrentam que os prende ao desinteresse e obviamente que mesmo cumprindo todos os meios possíveis são impossíveis de evitar.

O corpo inteiramente fala: as consequências da linguagem corporal.

No cotidiano escolar é plausível inferir, que somente o professor falar na aula é uma das primeiras situações que devem ser evitadas, mas fazer ao máximo para que o conteúdo estimule os alunos a participar é o que deve ser instigado, como uma das metas a ser desenvolvida.

Porém não é preciso somente um conteúdo animador, mas o semblante dos professores de estar gostando do que estão fazendo e sempre ressaltando a importância de ser ensinado com os gestos e não somente as palavras e sermões, pois são nas atitudes que o exemplo torna-se evidente na realidade escolar. Como informa Raquel da Silva Anacleto: “o corpo vai dizer aquilo que está acontecendo, é através dele que nos mostramos e nos fazemos sentir para os que estão a nossa volta”. (ANACLETO, 2015, p. 69)

No convívio escolar é compreensível que quando o professor for explicar sobre um dado conteúdo e não olhar no olho de cada aluno, mas por outro lado desfiar o foco para fazer consultas e leituras no livro didático ou olhar para qualquer lado que não seja os alunos, impulsiona para que os estudantes busquem dormir, conversar e em último plano saber o que realmente o professor está explicando.

Desse modo, é imprescindível que o professor não tenha apenas o livro didático e a leitura para uma aula, mas slides, vídeos e “se possível” com o conteúdo bem estudado para evitar consultas no livro a todo instante. Notoriamente em meio à realidade cansativa e desgastante de se responsabilizar por várias cargas horárias dificulta para que tenham em mente e com eficiência todo o conteúdo a ser trabalhado. De fato, é desafiador ter que conviver com a falta de recursos e materiais pedagógicos de apoio, o que dificulta para tornar a aula mais dinâmica. Não há um investimento adequado na educação, como afirma André Silva Martins:

Certamente o baixo nível de investimentos ajude explicar o silêncio da entidade sobre outros temas importantes para se pensar a educação para o século XXI, tais como: valorização do magistério, democratização da gestão educacional, infra-estrutura mínima das escolas e criação de um Sistema Nacional de Educação.(MARTINS. 2008. p. 11)

Na sala de aula ter o respeito dos alunos é um caminho que todo professor deve cultivar para conseguir com êxito uma boa aula, pois mediante a regência foi possível observar que os alunos respeitam mais quando são reclamados com delicadeza e não com o tom de voz exagerado, que de imediato é preciso deixar tais atitudes desnecessárias, ou sofrerá as consequências e colherá o desafeto e indiferença dos educandos.

Instigar o pensamento crítico dos alunos com questionamentos é crucial, um exemplo em relação à escrita do livro didático e outras leituras que sejam estimulados a ler, como quem conta? Quem escreveu? Sob o olhar de quê? Onde? Isso torna importante para saber se são escritos da perspectiva elitista ou de classes minoritária.

As situações na sala de aula que (não) percebem e não são resolvidas.

Nas observações diárias na escola é propício ocorrer situações, que são úteis de serem levadas em pauta no ensino e não devem ser tidas como meros casos particulares, que na maioria dos casos são deixados de lado ou em alguns momentos passam despercebidos em princípio dos professores terem objetivos “maiores”, que não resta tempo para lidar com situações inapropriadas e que supostamente não estava no planejamento.

Na sala de aula uma atitude grosseira do professor em razão do desgaste gerado pelos alunos pode custar à perda do interesse dos indivíduos envolvidos, pois na regência com os estudantes na escola Maurílio Pontes foi notável que alterar a voz bruscamente com os educandos é um caminho inviável, pois na sala de 9º ano, um aluno que sempre buscava chamar atenção da sala com brincadeiras e deixava de fazer as atividades e conseqüentemente

estava chamando atenção negativamente nas aulas, no início de uma dessas, ele estava conversando e dificultando o início da mesma e para definitivamente tentar ter o controle deles um erro grotesco de falar alto e com um tom bem indelicado principalmente com ele, para que fosse sentar e ficasse quieto, propiciou a um olhar apavorado dele com uma junção de raiva, aumentando o desinteresse apresentado por ele nas aulas posteriores, além de continuar o desrespeito aos colegas.

Sob o mesmo ponto se constituiu como uma barreira e um dos grandes desafios, mas através de leituras e com a perspectiva de agir com a atitude correta para esse caso, pois quando um aluno quer chamar atenção o ideal é reclamar com quem ele está falando e não com ele. Usando tal recurso ele apresentou uma melhora no rendimento, mas se a cena da reivindicação inapropriada não tivesse acontecido certamente ele teria um interesse maior nas aulas. Uma vez que, se a disciplina já requer muito do aluno e se o professor da mesma desgostar os expectadores dela a situação torna inconvivível, fazendo com que os alunos tenham em mente que ser expulso dela é um lucro e não uma perda.

Quando os alunos não participam e a aula fica monótona não é um desafio nada fácil, mas usar recursos como Datashow, notebook e caixa de som são itens indispensáveis, mas nem sempre a escola porta os recursos e uma estrutura apropriada para estar apta aos materiais propostos, principalmente quando a escola possui apenas um aparelho de Datashow para todos os professores da Instituição como foi o caso dessa regência na escola Maurílio, inviabilizando com isso um ensino de qualidade.

A educação é bastante excludente e os parâmetros não são os mesmos, então os professores podem instigar, mas obviamente eles não são os únicos responsáveis na escola e dificilmente podem fazer a diferença se não ocorrer uma dedicação e empenho em todo o universo escolar. Visto que, não é possível resolver as desigualdades que ocorrem sozinhos, pois há alunos que possuem os cuidados ideais para terem um bom aprendizado, no caso acordando no horário ideal e tendo uma refeição adequada e com o transporte próprio ou residente nas proximidades da escola.

Mas por outro lado, há alunos que não tem os mesmos recursos, como os que enfrentam problemas de alcoolismo com os pais; ou outros que desde cedo precisam trabalhar para manter o sustento da família e definitivamente carregam a obrigação de trabalhar ou caso contrário o alimento pode faltar na mesa; outros que precisam ajudar os pais no campo e acordar cedo para pegar um transporte escolar para poder chegar à escola e que ainda terá que

lidar com as faltas do transporte e ter que passar até semanas sem ir à escola pela falta dos mesmos.

Dessa forma, impor cobranças de rendimento iguais aos que estão matriculados na mesma escola torna muitas vezes cruel e desumana. Além disso, ter somente os professores como os únicos responsáveis para instigar a todos os alunos a um melhor rendimento, sem levar em conta tais disparidades que ocorrem na escola pública deve ser evitado.

Aliás, os casos são percebidos pelos professores e responsáveis em si, como alunos que buscam ir à escola só por diversão e na sala não fazem o que é pedido e ainda atrapalham os colegas, ficando sob avisos prévios da coordenação, mas quando o caso não é resolvido pela gestão e pelos pais, os professores buscam suportar a situação e poucos se engajam em buscar alternativas, como conversar sozinho com o aluno ou indicar e levar a um psicólogo.

Além disso, não há incentivos aos professores para que pratiquem isso e poucos realizam isso, como é nítido pela fala do professor da escola: *“às vezes descobrimos, mas não queremos se engajar com o anseio de não dar em nada e são muitos alunos para nos dedicarmos a um único caso.”* (João Tavares. 2019) ⁷. O professor certamente não está errado de pensar assim, porque são muitos problemas e pouca preparação e incentivo da escola.

Um menor reconhecimento que seja faz uma grande diferença.

Na turma do 9º C praticamente todos fizeram o fichamento e somente três alunos ficaram sem entregar, dois deles porque faltaram no dia que o trabalho foi proposto, e os colegas supostamente não avisaram. Na referida turma tive a surpresa de um aluno que estava sendo questionado por não fazer as atividades por outros professores, mas nas aulas com ele, o mesmo fez o fichamento e na dinâmica foi bastante participativo e buscou responder as indagações.

Mediante tal desempenho alcançado pelo aluno, o ato de optar por escrever elogios e argumentos construtivos que motivasse não só ele, mas vários alunos que estavam dispersos nas aulas e com um rendimento inadequado e apesar do trabalho deles não terem sido dos melhores, mas os elogios e um pouco de críticas construtivas com delicadeza no final do trabalho, possibilitou um resultado inesperado, no caso dois dos alunos elogiados passaram a fazer todos os trabalhos e atividades propostas, e apesar de antes não serem tão participativos, por conseguinte nas aulas ficaram atentos e desenvolveram uma amizade benéfica e

⁷ Nome fictício dado ao professor

respeitável e inclusive um desses alunos escreveu um bilhete pedindo desculpa por antes ter dado trabalho nas aulas.

Isso demonstra que é fundamental usar táticas com os alunos, e que apesar de nem sempre os resultados obtidos não serem os esperados é preciso continuar usando meios que os instigue constantemente, porque os resultados são obtidos com um tempo, que em alguns casos leva mais e outros nem tanto. O professor de história da escola ao ouvir tal relato comprovou tal informação: *“Eles gostam disso por menor que seja o reconhecimento eles se engajam mais nas aulas e sentem-se capazes”*.(João Tavares. 2019)

O bom humor ainda é um dos recursos que trás os professores para a realidade positiva. Mesmo sabendo que os professores não são máquinas e enfrentam problemas como todo ser humano, mas carregar esse recurso para as aulas e não esquecê-lo é imprescindível para no ensino ter um aproveitamento maior.

O desconhecimento ainda é um dos fatores que dificulta e minimiza a atenção que alguns alunos tanto precisam, porque se julgar o comportamento e ficar somente nisso dificilmente os professores vão acreditar numa possibilidade de melhora dos educandos. Se permitir para aprender a conhecer, pois todos carregam preconceitos e esses justamente inviabilizam a possibilidade de enxergar a realidade do outro, de fato se a opção de julgar o erro e ficar nisso impossibilita saber o que está acontecendo e a solução de descartar e partir para frente é a escolha mais viável que fazem.

Nesse sentido, assim como os médicos, que cometem um pequeno deslize e subsequentemente podem perder o paciente, assim os professores podem também matar o futuro e as possibilidades do aluno de ter mudanças e ir perdendo mais uma vítima lentamente com a incapacidade de ouvir e dar atenção necessária que os alunos precisam, não se permitindo conhecer sobre os casos que não o agrada.

Assim, é cabível expor que a escola brasileira ainda não aprendeu a conviver com essa realidade e, por conseguinte não sabem trabalhar com crianças e jovens dos estratos sociais mais pobres. Além disso, os livros didáticos, sobretudo os de história estão repletos e feitos com uma concepção positivista da historiografia brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do estágio de regência propiciou um maior engajamento e um maior aprendizado sobre o universo escolar, que em muitos casos é uma “caixinha de surpresa” e que nem sempre a surpresa é agradável, mas a continuação na profissão é o ideal que deve praticado, apesar dos grandes desafios que a profissão está envolvida.

Uma vez que, o conhecimento transforma vidas e os professores podem fazer o seu melhor em muitos casos, que por menor que seja fazem uma grande diferença na vida dos educandos. Aprendi que conhecer as diferentes realidades a qual estão submetidos os alunos e usar recursos que engajem determinadas experiências instigando eles a participarem e se envolverem nas aulas ainda continua sendo um elo para instigar uma maior interação dos mesmos com a disciplina de História.

Assim sendo, mesmo com a rotina desgastante dos professores terem em mente que carregam deveres e direitos que torna a profissão uma grande sabedoria e peso para a sociedade e na formação de indivíduos cidadãos, que aprendam a respeitar as diferenças e que na prática de fato vivenciem o que falam para ter melhores resultados a quem buscam ensinar.

Portanto através desse estágio, que apesar de ter sido apenas cinco meses ministrando aulas e observando situações dentro e fora da sala aprendi a desenvolver um afeto e um maior compromisso com a educação. O ato de reconhecer casos que vão muito além da sala de aula e que a carência de atenção é uma das faltas que os alunos buscam suprir na sala de aula e para atingirem tal meta muitos utilizam do descompromisso com o estudo para ser o centro de atenções da sala, sendo que muitos desses sofrem com perdas e problemas familiares. Então conhecer essas realidades e não se deixar levar pelos meros julgamentos dos comportamentos apresentados pelos alunos é algo que precisa ser vivenciado pelos profissionais da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANACLETO. Raquel da Silva. **O PROFESSOR E SEU CORPO: OS OSSOS DO OFÍCIO. REFLEXOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.** Minas Gerais. Dissertação UFSJ. 2015

GADOTTI. Moacir. **Boniteza de um sonho. Ensinar-e-aprender com sentido.** Novo Hamburgo. Rio Grande do Sul. Feevale. 2003

MARTINS, A. S.. **“Todos pela Educação”:** O projeto educacional de empresários para o Brasil do século XXI. Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação. Caxambu. In: 31ª Reunião Anual da ANPED, 2008.

MATTOZZI, Ivo. **Currículo de História e educação para o patrimônio.** Belo Horizonte. Educação em Revista. UFMG. 2008.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A insustentável leveza do tempo: Os objetos da sociedade de consumo em aulas de história.** | Belo Horizonte. Educação em Revista. UFMG, jun. 2008.

VIANNA, C. **Os nós do “nós”: crise e perspectiva da ação coletiva docente em São Paulo.** São Paulo: Xamã, 1999.